

**SISTEMA FAEP**



# BOLETIM

INFORMATIVO

A revista do Sistema

Ano XXVII nº 1215 - 06/05/2013 a 12/05/2013

Tiragem desta edição 24.000 exemplares

# A ESCALADA DOS CUSTOS RURAIS



**Safra**

A resposta do campo

**Paraná**

O Patinho Feio da nação

**Índios**

Sem ação do governo

# Aos Leitores



O Plano Real, lançado pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, completou 18 anos em fevereiro passado. De lá para cá convivemos sob uma economia estável e inflação controlada. Mas exatamente ao atingir a maioria, a estabilidade sente as sombras cada vez mais escuras da inflação, cujas raízes estão no descontrole das contas públicas. O governo, sistematicamente, vem gastando mais do que arrecada. E não se emenda. Ou se corta o mal pela raiz, ou como se diz, “estamos bombardeados”.

Que o digam os produtores rurais paraenses que viram os valores de custeio da lavoura saltarem à frente da inflação oficial do país. Entre 2000 e 2012 o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) acumulou alta de 126%, mas os custos operacionais da soja subiram 144,7%, os do milho 158,8% e os do trigo 197,1%. Um levantamento da economista Tânia Moreira, do Departamento Técnico Econômico da FAEP, responsável pelo estudo dos custos rurais, mostra a presença do dragão inflacionário na matéria de capa desta edição. Junto a ela o consultor internacional de commodities Pedro H. Dejneka, que atua na Bolsa de Chicago, compara e explica a alta de custos operacionais de produção no Brasil e nos Estados Unidos.

## Índice

Personagem .....	03
SaFra .....	04
Patinho Feio .....	06
Legislação .....	08
Índios .....	09
Opinião .....	10
Capa .....	12
Notas .....	18
Clima .....	19
Eventos Sindicais .....	20
Via Rápida .....	22

**Fotos:** Arquivo FAEP, Divulgação, Fernando Santos, Milton Dória, e Rogério Theodorov

## Expediente

### FAEP - Federação de Agricultura do Estado do Paraná

R. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar | CEP 80010-010 Curitiba | Paraná |  
F: 41 2169-7988 | Fax: 41 3323-2124 | [www.sistemafaep.org.br](http://www.sistemafaep.org.br) | [faep@faep.com.br](mailto:faep@faep.com.br)

**Presidente:** Ágide Meneguette | **Vice-Presidentes:** Guerino Guandalini, Nelson Teodoro de Oliveira, Ivo Polo, Francisco Carlos do Nascimento, Ivo Pierin Júnior e Paulo Roberto Orso | **Diretores Secretários:** Livaldo Gemin e Lisiane Rocha Czech **Diretores Financeiros:** João Luiz Rodrigues Biscaia e Julio Cesar Meneguetti | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olimpio Santoroza, Lauro Lopes e Ana Thereza da Costa Ribeiro | **Delegados Representantes** Ágide Meneguette, João Luiz Rodrigues Biscaia, Francisco Carlos do Nascimento e Renato Antônio Fontana

### SENAR-PR | Administração Regional do Estado do PR

R. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar | CEP 80010-010 Curitiba | Paraná |  
F: 41 2106-0401 | Fax: 41 3323-1779 | [www.sistemafaep.org.br](http://www.sistemafaep.org.br) | [senarpr@senarpr.org.br](mailto:senarpr@senarpr.org.br)

**Conselho Administrativo | Presidente:** Ágide Meneguette - FAEP | **Membros Efetivos:** Ademir Mueller - FETAEP, Rosanne Curi Zarattini - SENAR AC, Darci Piana - FECOMÉRCIO e Wilson Thiesen - OCEPAR | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olimpio Santoroza, Paulo José Buso Junior e Jairo Correa de Almeida | **Superintendência:** Humberto Malucelli Neto

**Boletim Informativo | Coordenação de Comunicação Social:** Cynthia Calderon  
**Editor:** Hélio Teixeira | **Redação:** Hemely Cardoso, Katia Santos e Valtemir Soares Jr. |  
**Projeto Gráfico e Diagramação:** Diogo Figuel

*Publicação semanal editada pelas Assessorias de Comunicação Social (ACS) da FAEP e SENAR-PR. Permitida a reprodução total ou parcial. Pede-se citar a fonte.*

# Criativo e organizado

A pequena propriedade também dá bons frutos com gestão profissional



Diversificação e conhecimento viabilizaram o sítio de Nego

Benedito Osório Carvalho e Silva, 47 anos, mais conhecido como “Nego”, nasceu, foi criado e assumiu em 2003 a pequena propriedade de 14,4 hectares, às margens da PR 436, que liga os municípios Ribeirão do Pinhal e Ibaiti, no Norte do estado. Ali, ele conseguiu fazer os frutos se multiplicarem através do planejamento e boa administração agrícola.

O instrutor do SENAR-PR Vidal Ferreira de Campos, especializado em gestão rural percebeu o capricho e a dedicação que “Nego” emprega em sua propriedade, onde vicejam seis mil pés de café e se produz leite, transformando-a em modelo para outros produtores. Para dimensionar a importância da organização na propriedade rural, o instrutor levou uma turma do curso do “De Olho na Qualidade”, do SENAR-PR, para visitar o sítio. “Se a gente tem um bom exemplo, porque não mostrar ao invés de falar”, diz Campos.

Não há nada fora do lugar, ferramentas, equipamentos, insumos, controle das chuvas, tudo organizado com capricho. Esse comportamento ele estende aos 4,5 hectares com café. O plantio é dividido em talhões e subdividido em tabelas, coisa rara de se ver, segundo o instrutor do SENAR-PR. “Esse é um excelente exemplo de agricultura de precisão (AP). As pessoas acham que AP é só o uso de alta tecnologia, na verdade são informações precisas sobre a produção e a propriedade. Com esse detalhamento Silva sabe até onde estão as falhas entre os pés de café”, afirma o instrutor.

“Nego” também está fazendo os cursos do SENAR-PR para conquistar a certificação “Fair Trade” (comércio justo),

que qualifica seu produto como um café especial. Como esta certificação é demorada, pois exige uma série de mudanças no processo de produção e adequação da propriedade, ele vai beneficiando as sacas de café colhidas, através de equipamentos que adquiriu ao longo dos últimos quatro anos na Feira Internacional de Cafés Especiais do Norte Pioneiro do Paraná (Ficafé): derrigadeira, moedor, torrador elétrico e descascador. Traduzindo em números: ao invés de obter um resultado financeiro de R\$ 300,00 por saca de café, ele consegue R\$ 675,00, vendendo de forma artesanal.

O foco em melhorias de cultivo também é uma constante para o pequeno produtor na busca da eficiência. Esse ano está renovando parte da sua lavoura de café - desbastando, podando, adubando e aplicando calcário. “Minha produção vai diminuir por conta da revitalização: das 300 sacas devo cair para 80, mas nos próximos anos vou colher os frutos do meu investimento”, diz.

Esse gosto pela inovação através do conhecimento é marca da família de “Nego”. Luciana, sua mulher, buscou nos cursos do SENAR-PR as técnicas para produzir e vender doces em conserva para o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). Há quatro anos o casal transforma o leite da pequena propriedade em doces. É com a renda do binômio café/leite que o casal tem orgulho de buscar um futuro para a filha Maria Joana, mantendo-a no curso superior de fisioterapia. Um exemplo que com organização e criatividade, também a pequena propriedade pode dar bons frutos.

# Fartura de grãos no Paraná

Deral aponta produção 30% maior nos cultivos de verão



Clima e aumento de área contribuíram para a boa safra

A safra de grãos 2012/13 está chegando ao seu final e o Paraná registrará um aumento de 30% na produção em comparação à safra de verão do ano passado, com grande participação da soja. O levantamento é do Departamento de Economia Rural (Deral) da Secretaria Estadual de Agricultura (Seab), que aponta uma colheita de 23,35 milhões de toneladas contra do ciclo anterior de 17,95 milhões de toneladas (veja quadro).

Em função desse resultado, o Deral está projetando uma safra total recorde de grãos em 2013, com um volume de 38,77 milhões de toneladas. Nesta conta é considerada a produção do ano inteiro, incluindo a safra de verão, a safrinha e a safra de inverno que esta em andamento no Paraná. Esse resultado poderá ser confirmado se não houver problemas com o clima daqui para frente.

Na safra de verão, o cultivo de soja liderou a produção e está sendo colhido o maior volume de produção, avaliado em 15,68 milhões de toneladas do grão. Esse resultado é recorde e representa um aumento de 45% sobre a soja produzida no

ano passado, que sofreu os efeitos do clima como a estiagem durante o período de desenvolvimento.

O aumento na produção de soja esse ano foi decorrente do aumento de área plantada, da ordem de 6%, e do clima favorável durante o ciclo de desenvolvimento. Para o diretor do Deral, Francisco Carlos Simioni, esse avanço na produção agrícola paranaense deve ser creditado também ao acesso do produtor à assistência técnica e tecnologia. “A evolução do produtor e o bom desempenho do clima está permitindo um aumento de produtividade para todas as culturas da safra de verão”, disse.

## Comercialização

Segundo o Deral, esse ano o produtor rural vem se beneficiando do aumento de preços das principais commodities no mercado, ao contrário de anos anteriores em que os preços no mercado externo evoluíram depois que a safra tinha sido vendida.

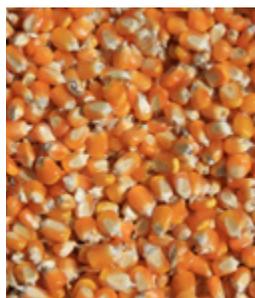
Quando começou a plantar a safra de soja, em setembro de 2012, o produtor já tinha vendido 30% da produção esperada. Nesse período a cotação da soja chegou a R\$ 73,90 a saca de 60 quilos, seu valor mais alto dos últimos anos. Essa foi a primeira vez que houve uma venda antecipada nesse volume e o produtor soube aproveitar bem, disse Marcelo Garrido.

O produtor de milho também vendeu a produção antecipadamente nesse ano. Da primeira safra, houve uma antecipação de 13% e, na segunda, antecipou 5% da produção, o que não é muito comum para o grão. Os preços que estavam animadores recuaram para R\$ 19,50 a saca, ainda assim 12% acima do preço mínimo.

A venda de feijão está favorável ao produtor com 47% de aumento no preço do feijão preto e de 17% no preço do feijão de cor, em relação ao ano passado. A saca de feijão preto está sendo vendida pelo produtor a R\$ 125,22, em média, e a do feijão de cor, por R\$ 198,42 a saca.

O trigo, ainda em plantio, já está com 3% da produção esperada vendida, o que é pouco comum para essa cultura, na avaliação do Deral. As vendas antecipadas de trigo são normais nas operações de troca de sementes e insumos por cultura, mas agora, os produtores e cooperativas estão fechando contratos futuros para se protegerem da possibilidade de queda de preços à frente.

## Outras Culturas



### MILHO

O milho da primeira safra teve um bom desempenho, com uma colheita de 7,16 milhões de toneladas, volume 9% maior. O resultado ocorre mesmo com redução de 10% na área plantada, que caiu de 975.789 hectares para 878.090 plantados de um ciclo para outro. O milho safrinha concluiu o plantio e a área cresceu 5%, passando de 2,04 milhões de ha para 2,14 milhões de ha esse ano. O potencial produtivo aponta para 11,5 milhões de toneladas, se não for afetada pelo clima.



### FEIJÃO

A segunda safra de feijão também apresenta resultados animadores com a colheita de 453.913 toneladas, volume 32% acima da safra cultivada em igual período do ano passado.



### TRIGO

O trigo está em período de plantio e a área ocupada está 9% acima do ano passado, indicando leve recuperação de área plantada no estado. Este ano a cultura deverá ser plantada em cerca de 855 mil hectares. A expectativa de produção aponta para 2,57 milhões de toneladas, 21% acima da produção do ano passado, que foi de 2,11 milhões de toneladas.

## Cenário nacional positivo

A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) atribuiu o aumento de 10,8% na estimativa de crescimento da safra de grãos 2012/2013 às condições climáticas favoráveis, ao excesso de chuva na região Centro-Oeste, ao aumento da área plantada de milho e à conclusão do período de semeadura.

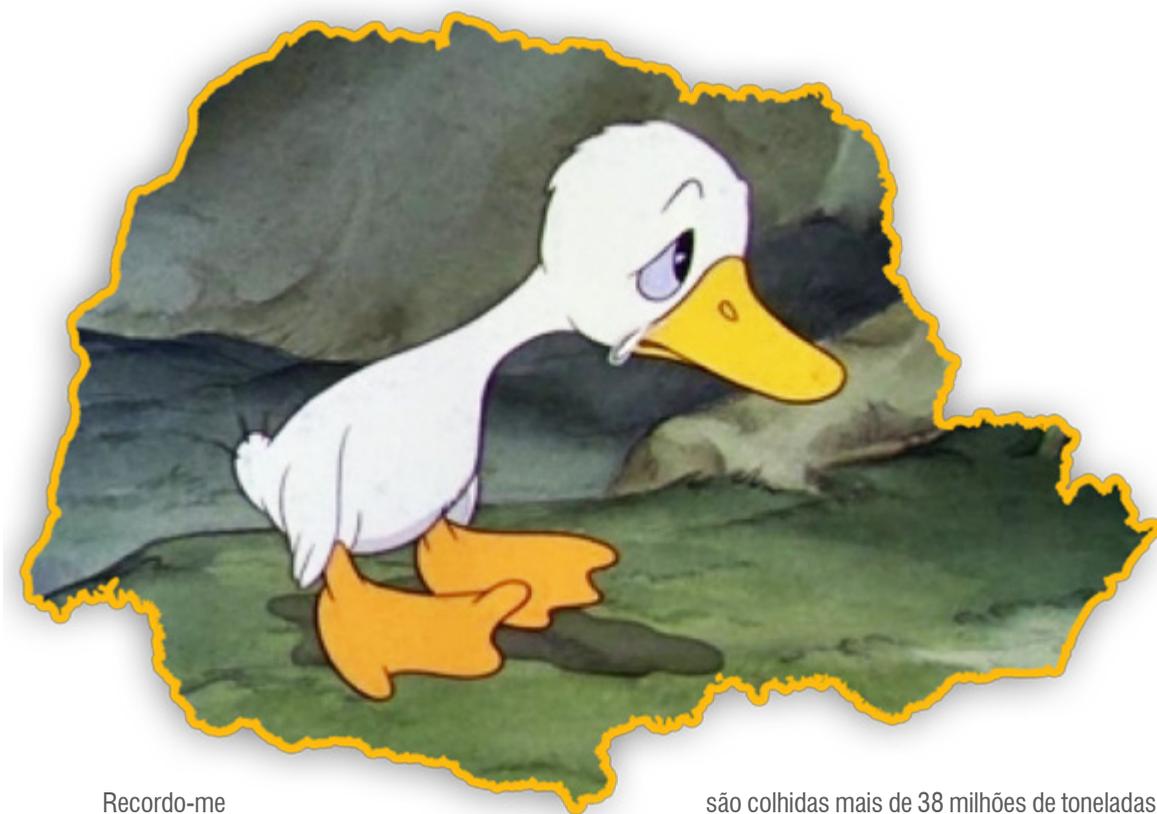
De acordo com o sétimo levantamento, divulgado na primeira quinzena de abril, a atual safra deve atingir 184,05 milhões de toneladas frente as 166,17 milhões de toneladas do ciclo 2011/12. A estimativa da área plantada é 53,04 milhões de hectares, com um crescimento de 4,2% em relação à safra anterior, quando foram cultivados 50,8 milhões de hectares.

Para a Conab, o aumento da produção nacional de grãos será puxado pela soja, carro-chefe do agronegócio brasileiro. A colheita desse grão deve crescer 23,4% em comparação com a safra passada. A produção estimada é de 66,3 milhões de toneladas. No ciclo anterior, os agricultores brasileiros colheram 66,3 milhões de toneladas.

O arroz é outro grão que obteve crescimento de 3% nas previsões, ao passar de 11,6 milhões de toneladas para 11,94 milhões de toneladas. Na colheita do milho, a Conab estima incremento de 9,1% ante a produção de 34,7 milhões de toneladas na safra passada. A companhia prevê que a produção de milho fique em 42,69 milhões de toneladas.

# O Patinho Feio chegou ao limite

Por Nilson Hanke Camargo,  
engenheiro agrônomo do DTE/FAEP



Recordo-me que há quase meio século, o então governador do estado, Paulo Pimentel, usou o slogan “Paraná, aqui se trabalha” como resumo de sua administração. Contam que na divisa com São Paulo alguns paulistas colocaram outra placa “Aqui também”.

Ironias à parte, o Paraná carrega nas costas de seus mais de 10 milhões de habitantes, espalhados nos 399 municípios, o perfil de um estado que muito dá ao país e pouco recebe. Algo como um “patinho feio” do sul, porque há décadas não se enxergam obras de infraestrutura capazes de dar sustentação a uma produção agropecuária que dá dividendos robustos às contas nacionais.

Em apenas 2,3% do território brasileiro, onde estão limitados os 200 mil quilômetros quadrados dos paranaenses,

são colhidas mais de 38 milhões de toneladas de produtos agrícolas. O Paraná participou em 2012 com 13 bilhões dólares, 14% do total das exportações brasileiras. Nos últimos 20 anos a produtividade da agricultura do estado alcançou um crescimento de 262%, ou seja quase triplicou a eficiência no campo.

O descaso do governo federal com o Paraná chega ao ponto de se imaginar uma ferrovia que ligaria Maracaju (MS) a Paranaguá, num trajeto, porém, que em vez de encurtar o trecho, o tornaria muito mais longo. Explique-se: a ideia genial dos burocratas de plantão em Brasília foi de levar os trilhos de Cascavel até o oeste de Santa Catarina e de lá, então, retornar em direção ao porto paranaense. Nós, da FAEP, apelidamos esse projeto de “Transbaiacu”, porque teria de superar duas baías (Guaratuba e Paranaguá), enfrentando ainda insuperáveis problemas técnicos pelo solo pantanoso e outros ambientais.

O problema é mais sério, pois as composições ferroviárias que trazem a produção do Oeste paranaense, o maior celeiro do estado, são inicialmente transportadas de Cascavel à Guarapuava pela Ferroeste. Esse comboio então pode receber locomotivas da ALL (América Latina Logística), que monopoliza esse transporte na ligação de Paranaguá à Guarapuava e do terminal portuário ao Norte do estado.

No ano passado apenas 28% dos grãos exportáveis do estado foram transportados em cima de trilhos e os restantes 72% seguiram por rodovias. O cenário não mudou. Também por isso exportar pelo Brasil custa 84 dólares a tonelada contra 21 dólares nos Estados Unidos

Mas o “patinho feio” ainda não naufragou, embora

já não preste mais atenção às intermináveis promessas que ecoam de Brasília sobre a “modernização” do Porto de Paranaguá. Ocorre que há mais de 20 anos o terminal não vê a cor do dinheiro do seu verdadeiro dono – o governo federal. Sim, porque as instalações portuárias são apenas uma concessão ao governo do Estado.

A resistência do “patinho feio” chegou ao limite.

Nilson Hanke Camargo  
representante da FAEP  
no Agrishow em Ribeirão  
Preto.



## Deficiências na infraestrutura brasileira foram debatidas no Agrishow

Esse retrato do Paraná foi apresentado pelo engenheiro-agrônomo Nilson Hanke Camargo no Agrishow, em Ribeirão Preto, na última quinta-feira, num evento de debates sobre a precária infraestrutura brasileira. Os organizadores do evento previam R\$2,5 bilhões em volume de negócios e a participação de 790 marcas expositoras.

### Há um ano...promessas

Em 29 de março de 2012, o ministro dos Transportes, Paulo Sérgio Passos, anunciou que deveria ser iniciada a realização de estudos de viabilidade sobre o Corredor Ferroviário do Paraná, projeto que pretende ligar o Porto de Paranaguá ao Mato Grosso do Sul, atravessando todo o Estado.

Segundo os jornais da véspera de 1º de abril do ano

passado, o então ministro afirmou que “ainda neste mês”, portanto há mais de um ano, deveria ser publicado edital de licitação para a contratação da empresa que fará o Estudo de Viabilidade Técnica, Econômica e Ambiental do Corredor Ferroviário. Até hoje...nada. Pelo traçado prévio, a ferrovia teria 1.116 quilômetros de extensão e vai ligar Paranaguá a Maracaju (MS), passando por Guarapuava, Cascavel e Guaíra”.

Para organizar e executar os planos logísticos do país, o governo criou no ano passado a Empresa de Planejamento e Logística (EPL), mais uma estatal, e colocou o ex-diretor geral da Agência Nacional de Transporte Terrestre (ANTT), Bernardo Figueiredo, como responsável por comandar a nova empreitada.

Em setembro de 2012, em entrevista ao site da Revista Veja, Figueiredo se dizia otimista: “Queremos fazer um diagnóstico das necessidades logísticas do país e montar, a partir dessa pesquisa, uma série de projetos para esses gargalos. Seremos uma fábrica de projetos”. O Paraná continua esperando o trabalho dessa usina.

# FAEP pede extensão de benefício do ICMS

## Decisão beneficia cafeicultores do Estado

Nos últimos 12 anos (2000-2012), o Paraná perdeu praticamente 50% da área de café para outras atividades como soja e milho. No ano de 2000 o estado do Paraná chegou a cultivar 163.900 hectares, mas devido à crise essa área foi reduzida para 83.200 hectares em 2012, com uma produção de 1.510 milhões de sacas, perdendo importância relativa na cafeicultura nacional.

Conforme dados da Secretaria Estadual de Agricultura (Seab), o Paraná tem 12 mil produtores com a atividade de cafeicultura, sendo 85% deles em propriedades menores que 50 hectares, com área de café média de oito hectares.

Para reverter a perda de competitividade da cafeicultura paranaense, o governo do Estado reduziu para 1% a alíquota de ICMS na saída do café em coco para outros estados e beneficiado, em 16/11/2010 pelo decreto nº 8746.

Contudo, em 24/03/2011, esse benefício foi suspenso pelo decreto nº 855, que revogou os itens 6 e 6-A do decreto nº 8.746. No momento, o benefício foi novamente concedido

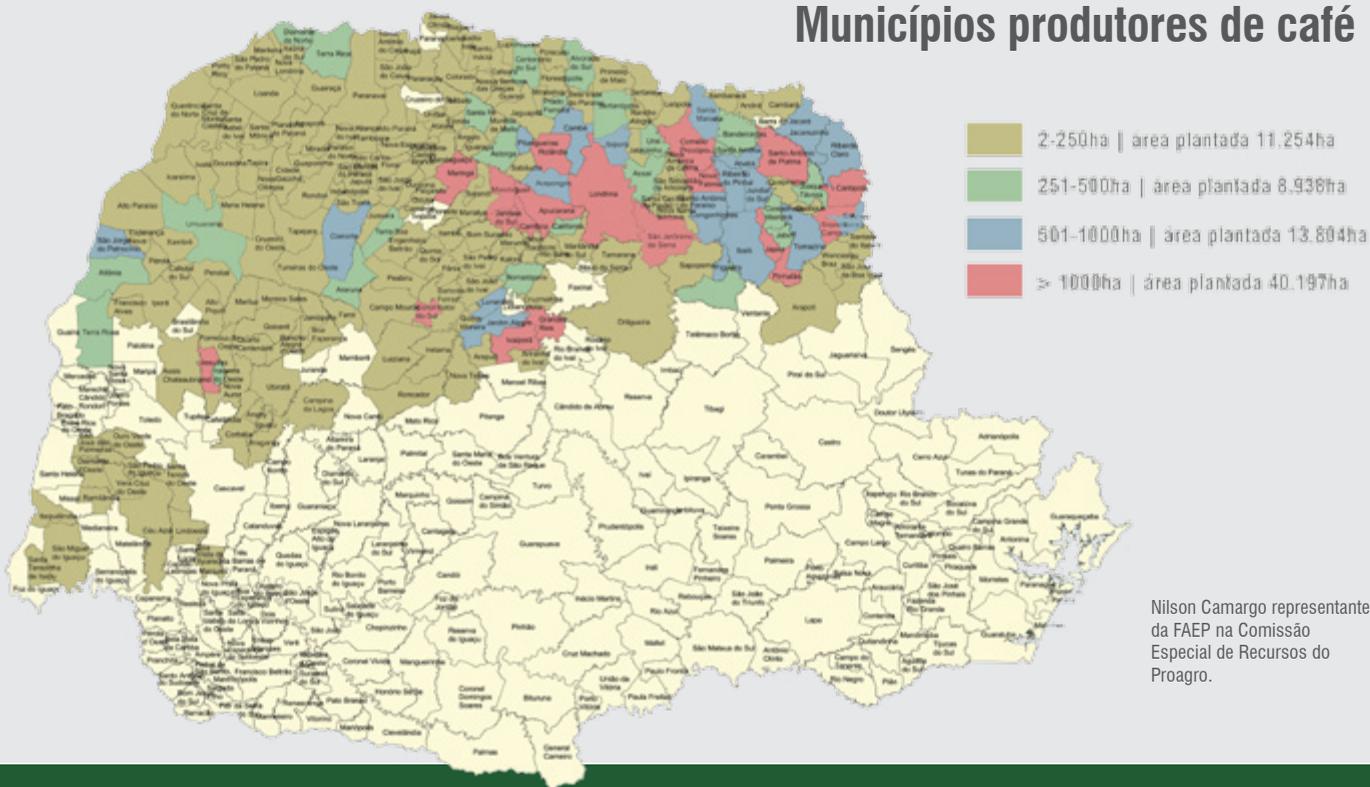
pelo decreto nº 4.487 (08/05/2012), mas apenas ao Item-6 do anexo III, do Regulamento do Imposto de Circulação de Mercadorias (RICMS).

Diante disso, foi solicitado que o benefício seja estendido também para as operações previstas no Item 6-A do mesmo anexo III conforme transcrição:

“6-A. Nas saídas interestaduais de CAFÉ EM COCO E BENEFICIADO, no percentual de 11% sobre o valor das saídas sujeitas à alíquota de doze por cento e no percentual de 6% sobre o valor das saídas sujeitas à alíquota de 7%, em substituição ao aproveitamento de quaisquer outros créditos”.

Essa exposição foi encaminhada pelo presidente da FAEP, Ágide Meneguette, ao chefe da Casa Civil do governo do Estado, Reinhold Stephanes, solicitando a extensão daquele benefício. Com essa decisão os produtores de grãos de café do Paraná, que passam por uma crise de preços, poderão obter maior competitividade nas vendas ao estado de São Paulo.

## Municípios produtores de café



Nilson Camargo representante da FAEP na Comissão Especial de Recursos do Proagro.

# “Demarcação, não”

A manifestação em Campo Grande (MS) e a convocação de Gleisi



Produtores rurais protestam contra desmandos da Funai

As manifestações dos produtores rurais pelo fim da demarcação de terras têm se repetido no Paraná e no Mato Grosso do Sul. Na segunda feira (29), cerca de 3 mil deles, pedindo “respeito à produção” e “demarcação não”, estiveram mobilizados durante a estada da presidente Dilma Rousseff no Jockey Clube de Campo Grande (MS). Os produtores querem a criação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para investigar as ações da Fundação Nacional do Índio (Funai), que já possui número suficiente de assinaturas de parlamentares na Câmara Federal.

“Nós vamos continuar cobrando uma solução. O governo ensinou a fazer manifestos, mas agora eles não estão sabendo recebê-los”, afirmou o presidente do Sindicato Rural de Guaíra, Silvanir Rosset, que liderou os produtores paranaenses em Campo Grande. Ele disse que as manifestações não vão parar, enquanto o governo não tomar medidas que restaurem o direito à propriedade.

A exemplo do que ocorreu em fevereiro passado com líderes sindicais do Paraná, na abertura do Show Rural, em Cascavel, o presidente da Federação da Agricultura e Pecuária do MS (Famasul), Eduardo Riedel, entregou um documento em mãos à Dilma. Nele é feito um alerta sobre o impacto econômico que ocorreria com a criação de novas áreas indígenas e o pedido de intervenção do Governo Federal para garantir a paz no campo.

No próximo dia 8, convocada pela Comissão de Agricultura, Pecuária e Abastecimento da Câmara, a ministra-chefe da Casa Civil, Gleisi Hoffmann, deverá prestar esclarecimentos sobre as ações da Funai na questão da demarcação de terras indígenas. Produtores paranaenses e sul mato-grossenses irão a Brasília acompanhar os depoimentos da ministra, que foi encarregada pela presidente da República para resolver esse problema.



# A parcialidade da Funai na demarcação

A autarquia não tem dado chance de reversão de suas decisões



Indígenas vem ocupando áreas produtivas no Oeste e Noroeste do Paraná

No Brasil, só existem dois tipos de territórios: o dos indígenas, que já foi reconhecido e demarcado, e aqueles que podem ser demarcados a qualquer momento. Demarcação que pode ocorrer sem qualquer instrumento seguro de defesa em favor dos direta e indiretamente afetados pelo processo demarcatório – o que entendemos se tratar de procedimento totalmente arbitrário.

De fato, com as atuais regras de identificação e demarcação de terras indígenas no Brasil, somente os interesses dos indígenas são analisados, afrontando assim o restante da sociedade brasileira.

Atualmente, a Fundação Nacional do Índio (Funai), que é responsável pelo processo demarcatório de terras indígenas, está se demonstrando um órgão comprometido ideologicamente com a causa indígena, o que induz a erro de julgamento, razão pela qual não possui nenhuma condição de cumprir o seu papel de forma imparcial.

Como se sabe, a Funai é composta por antropólogos envolvidos com a causa e com o movimento indígena, que vem interpretando os fatos de forma que sua ideologia seja a

prevalecente, sem se atentar para as consequências para o restante da nação. A gravidade da questão está no fato de que, no processo demarcatório, apenas o antropólogo da Funai se pronuncia sobre a necessidade da demarcação e as dimensões da terra indígena – daí a importância de uma análise imparcial dos fatos.

O contraditório até é oportunizado aos interessados. Entretanto, como é a própria Funai, autora do parecer exarado no sentido de ser a terra demarcável, quem julga as contestações protocoladas pelos interessados (produtores, municípios, estados etc.), as chances de reversão são mínimas naquele órgão.

Com efeito, que motivos a Funai teria para julgar contrariamente o parecer de sua própria lavra, redigido de acordo com a ideologia predominante no órgão? Aqui reside um grave erro, pois há um monopólio na condução do processo e, sobretudo, um monopólio do julgamento final por parte da própria autarquia.

O certo seria que o processo de demarcação de terra indígena fosse pautado pela mais completa imparcialidade e jul-

gado por um órgão totalmente neutro. Aliás, aos indígenas são disponibilizados todas as garantias constitucionais e poderosos instrumentos legais para assegurar seus direitos. De outro lado, aos produtores rurais, empreendedores, municípios e até estados, essas garantias são precárias, notadamente em decorrência da ausência de imparcialidade na condução do processo. Ou seja, com as atuais regras de identificação e de demarcação de terras indígenas no Brasil, os interesses de indígenas são sobrepostos aos dos demais atingidos pelos processos demarcatórios, o que afronta claramente a Constituição Federal.

Conforme dados consistentes, em 1996, mais de 95% das sociedades e povos indígenas no Brasil já tinham suas terras demarcadas, em cerca de 600 áreas disponibilizadas, totalizando aproximadamente 14% do território nacional. Ocorre que, em um movimento oposto aos fatos e à lógica, havia 250 demandas por novas demarcações em 2008. Já em 2009 eram cerca de 360 demandas. Em 2011, por sua vez, foram mais de 450 novos pedidos e o número atual já ultrapassa 500.

Se não houve aumento no número de comunidades indígenas, o que isso representa?

Nosso entendimento é que está havendo um aumento no número de pessoas se declarando ou se passando por índios e, conseqüentemente, reivindicando terras indígenas – o que merece discussões aprofundadas para não comprometer a seriedade do procedimento de demarcação. Importante frisar que, mesmo que se admita que no Brasil existam cerca de 800 mil indígenas, os pleitos de demarcação demandam mais de 40% do território brasileiro em detrimento aos quase 200 milhões de habitantes.

Existem parlamentares tentando regulamentar o processo demarcatório de forma a resguardar os direitos de todas as partes interessadas. Iniciativas válidas como a PEC 215 e o PL 38/99, apontam para possíveis soluções democráticas para a problemática, sobretudo quando propõem ampliar a discussão além dos órgãos federais diretamente relacionados à apreciação dos processos (Funai e Ministério da Justiça).

Nesse sentido, é louvável a iniciativa do deputado federal Homero Pereira (PSD-MT), relator do PLP 227 (Projeto de Lei Complementar), que propõe um novo rito na demarcação de terras indígenas e melhor define o parágrafo 6º do artigo 231 da Constituição Federal. No caso, o PLP 227 sugere a participação de outros profissionais neutros no processo, como historiadores, sociólogos, economistas e engenheiros agrários, trazendo assim mais transparência e diálogo ao processo demarcatório.

Por fim, por meio de medidas como a proposta acima é que encontraremos caminhos de reconciliação do país para com sua história e sua população. Ou seja, com os diferentes setores da sociedade civil, de modo que parte dela não venha a divergir tão radicalmente da outra por simples matiz ideológico que causa incomensurável prejuízo à nação brasileira. Só assim, por meio do diálogo e da compreensão mútua, o país será capaz de avançar na promoção sonhado desenvolvimento sustentável. Afinal, não é isso que a sociedade brasileira busca?

*João Maria de Oliveira Souza – Advogado, especializado em Direito Agropecuário, Ambiental e Indigenista.*

*Edward M. Luz - Antropólogo e Consultor mestre e doutorando pela Universidade de Brasília - UnB.*



Alerta contra invasões irregulares começou no Show Rural 2013

# Custos explodem na agropecuária

Exemplo são fertilizantes para milho com alta de mais de 300% em uma década contra uma inflação oficial de 126% no mesmo período. Mão de obra, arrendamento de terra e insumos são os principais vilões da carestia no campo

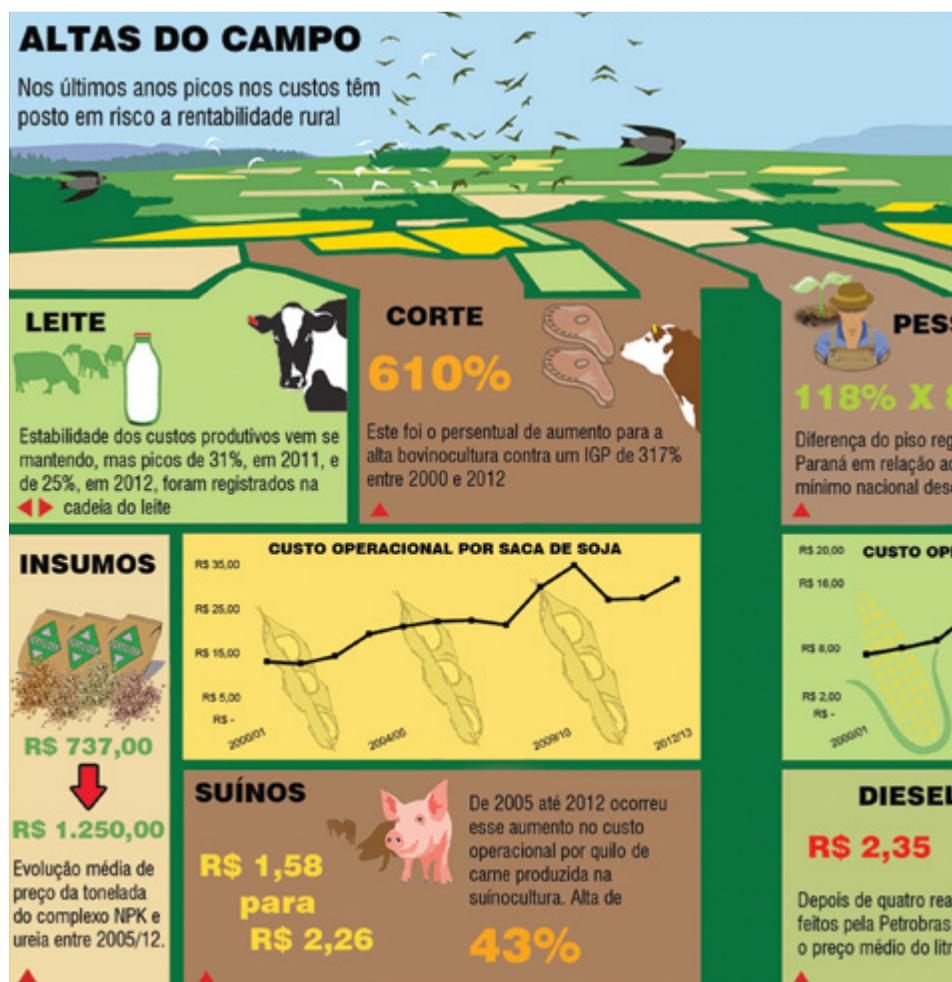
O aumento de custos produtivos não é exclusivo de nenhum setor econômico na atual conjuntura brasileira, mas na agropecuária ele vem passando despercebido devido às últimas boas safras e pelos bons preços das commodities. Porém, a carestia é real e ela explodiu no campo a ponto de fazer o sinal amarelo acender para o fato de que o ganho de produtividade poderá não ser mais suficiente para neutralizar a alta das despesas com a produção.

Um bom exemplo desse cenário é o Paraná, onde os produtores viram os valores de custeio da lavoura saltarem frente à inflação oficial do país entre 2000 e 2012. No período, o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) acumulou alta de 126%, mas os custos operacionais da soja subiram 144,7%, os do milho 158,8% e os do trigo 197,1%. Segundo a economista Tânia Moreira, do Departamento Técnico Econômico da FAEP, responsável pelo estudo dos custos rurais, a presença do dragão inflacionário fica mais evidente quando se toma insumos isoladamente, como no caso de fertilizantes: eles tiveram alta 175,4% na sojicultura, na 363,9% na milhocultura e de 165,8% na triticultura.

De acordo com a economista, há inúmeros fatores impulsionando a subida dos custos, sendo que alguns são estruturais e outros conjunturais. Ela lembra, por exemplo, que é histórica a dependência externa do Brasil por fertilizantes ou matérias-primas para a sua produção – um insumo que tem seu valor determinado pelo do câmbio e pela flutuação de preços das próprias commodities. Por outro lado, há situações típicas da conjuntura brasileira, como são os casos dos salários mínimos regionais ou a falta de infraestrutura eficiente para uso de modais de transporte baratos.

## Vilões

Nessa escalada, um primeiro vilão da carestia rural é o valor dos salários, que no caso do Paraná, têm como base um salário mínimo regional maior do que o nacional. Desde 2005 o piso paranaense acumula alta de 118% enquanto a alta do salário mínimo foi de 86%. Considerando a correção apenas pelos índices inflacionários, o piso regional paranaense deveria valer R\$ 437,66 contra R\$ 783,20 definidos por decreto estadual em 2012. “Isso contri-



buiu para aumentos acima da inflação no custo de produção agrícola. Para a produção de café, por exemplo, o valor da mão de obra em 2012 respondeu por 59% do custo operacional de produção”, diz Tânia Moreira.

Outro item que vem aparecendo como inimigo do bolso do produtor é o valor do arrendamento da terra, um item importante na agropecuária de larga escala. No Paraná, o preço deste insumo para lavouras mecanizadas subiu 148%, mais uma vez acima da inflação oficial. Analistas de mercado têm avaliado que o aumento do valor do arrendamento reflete o próprio sucesso do setor, que ao crescer faz a demanda por terra subir e, conseqüentemente, eleva seu preço em produto e em reais. Contudo, é um fator preocupante à medida que

a condição de ter terras baratas em relação aos seus concorrentes, como Estados Unidos e Europa, sempre foi um diferencial positivo para o Brasil.

Completando o quadro geral de altas, ressalta a economista da FAEP, há custos importantes além da porteira que também vão corroendo as margens de rentabilidade dos produtores. Ela cita os casos do frete rodoviário, que na atual safra teve um reajuste médio de 25% em relação ao ciclo anterior, e do óleo diesel que vai acumulando neste ano uma alta de 20,2% em comparação a 2012. Em contrapartida, no mesmo período, o IPCA rondou a casa dos 7,5%.

## Detalhamento

O tamanho do desafio que o homem do campo enfrenta para continuar produzindo e viabilizando economicamente o seu negócio aparece quando se olha alguns detalhes de cada segmento agropecuário. Nos grãos, por exemplo, há quase uma década que os custos vêm subindo continuamente. Mão de obra e valor do arrendamento, além de sementes e fertilizantes, são os itens que puxaram os custos para cima.

Isso é visível no levantamento feito pelo DTE da FAEP, que acusa que o preço da semente de milho de alta tecnologia aumentou quase três vezes (122%) em relação ao preço pago em 2005. Ou seja, o preço subiu, em sete anos, além dos índices inflacionários (41,2% no período). Considerando apenas a inflação do período o preço deveria ser de R\$ 267,04, mas em agosto de 2012 os produtores pagaram R\$ 420,51.

Como alerta a economista Tânia Moreira, há um efeito perverso para o produtor, já que o aumento do preço pago pela semente além

dos índices inflacionários o leva a empenhar, cada vez mais, maiores investimentos para cobrir o custo variável de produção. “No milho safrinha é pior ainda, já que, plantado em condições menos favoráveis de clima, os custos crescentes com sementes podem ampliar os prejuízos causados por uma possível quebra de produção”, analisa.

Na soja, apesar de o preço da semente ter aumentado em níveis mais compatíveis com a inflação (54% em sete anos), outros insumos impactaram as despesas para o cultivo. O gasto com fertilizantes respondeu por 15% do custo operacional de produção na safra 2012/13 e, de agosto de 2005 a agosto de 2012, os seus preços subiram além dos índices inflacionários. O cloreto de potássio aumentou 74,6%, a ureia 48% e o superfosfato triplo 76%. Enquanto isso, o índice de inflação oficial do período acumulou alta de 41,2%.

## Pecuária

Já na bovinocultura leiteira e de corte a situação não é diferente, uma vez que os dois segmentos respondem rápida e diretamente aos preços das matérias-primas para ração. Os custos do leite, atividade intensiva em mão de obra, subiram 77% de 2008 a 2012, o dobro da variação do Índice Geral de Preços (IGP) para o mesmo período. Para os pecuaristas de alta performance, o peso da conta ficou ainda maior: os custos saltaram 180% contra um IGP de 62% nos últimos quatro anos.

O mesmo quadro foi registrado na suinocultura e avicultura. Os custos de suínos, que são mais intensivos em mão de obra do que frangos e sensíveis à variação de preço dos grãos usados na alimentação, subiram 45%, também acima do IGP. O frango ficou mais bem comportado, tendo acompanhando o IGP.



# As diferenças de custos nos EUA e no Brasil

Com uma agropecuária já madura e com pouca margem de crescimento, os produtores norte-americanos não geram uma demanda acentuada de insumos e tal movimento provoca um aumento menor dos custos operacionais. Este é o quadro desenhado pelo consultor internacional de commodities Pedro H. Dejneka, que atua na Bolsa de Chicago, de onde, em entrevista ao BI, compara e explica a alta de custos operacionais de produção no Brasil e nos Estados Unidos.



**BI - O produtor brasileiro vem convivendo com a explosão dos custos produtivos. Qual é o cenário vivido pelo produtor norte-americano de grãos?**

**Dejneka** - O cenário aqui é semelhante, mas não idêntico... Os preços sobem aqui, sim, mas por uma simples lei de nível de aceleração de oferta x demanda; não sobem tão rapidamente quanto aí... Sempre gosto de apontar para os produtores que o que importa não é o nível de preços das commodities, mas sim, o nível de margem. Dependendo do momento do mercado global, um produtor pode ter uma margem de lucro com a soja a US\$ 12,00, tão boa quanto ou, às vezes, até melhor do que com a soja acima de US\$15,00...

**BI - Como é essa aritmética?**

**Dejneka** - Tudo depende do momento de mercado, não só de commodities. É preciso observar o macrocenário e também a tendência específica de preços de insumos etc. Por isso, é preciso ter uma atenção para estes vários fatores que influenciam o mercado e sempre fazer a conta “na ponta do lápis”. Isto é extremamente importante para a sustentabilidade de margem de lucros na profissão de produtor agrícola.

**BI – Por que os preços de insumos sobem?**

**Dejneka** - A resposta também é bem simples: oferta x demanda – é a lei universal de preços. Quando preços de commodities estão em alta, isso acontece porque tivemos algum tipo de “choque de produção” no sistema.



Pedro Dejneka durante palestra na FAEP em 2012

Após tais choques, a resposta do mercado global (produtores globais) é plantar o quanto mais podem nas safras seguintes para tirar proveito dos

preços altos. Nesse cenário aumenta a demanda para insumos, preços altos, grande volatilidade e redução de margens. Quanto á comparação entre o IPCA e o preço de fertilizantes para milho aí no Brasil é simples: a análise do aumento de área de plantio de milho neste mesmo período, acompanhado da explicação acima, oferece uma resposta clara sobre o porquê de tal movimento.

**BI - Por que os custos sobem mais no Brasil do que nos EUA?**

**Dejneka** - A produção agrícola no Brasil cresceu em ritmo muito mais acelerado nos últimos 10 – 15 anos do que aqui nos EUA. A produção nos EUA já era “madura” no início da década de 2000, enquanto o Brasil estava apenas entrando na adolescência. O potencial de crescimento de um adulto formado é bem menor do que o de um adolescente. É exatamente isto que aconteceu. O Brasil está agora realizando muito de seu potencial de produção, ainda com muito espaço para crescer.

**BI – O que está faltando?**

**Dejneka** - Agora falta investirmos em infraestrutura, pois nada adianta ser um dos melhores e maiores produtores mundiais, se temos uma infraestrutura falha e vergonhosa. E este crescimento acelerado



**BI - A diferença de realidade pode comprometer a competitividade dos produtos brasileiros se as despesas de produção continuarem aumentando?**

**Dejneka** - O alto custo da infraestrutura é uma ameaça muito maior à competitividade dos produtos brasileiros do que o aumento de preços de insumos. Por uma lógica de mercado, na maioria das vezes (distorções temporárias sempre podem ocorrer), empresas de insumos não têm como precificar seus insumos de uma maneira que não haja espaço de alguma margem de lucro ao

produtor, mesmo que esta margem seja variável. O que traz prejuízos ao produtor é a falha na gestão de preços e riscos, que, muitas vezes, é consequência de uma mentalidade de especulação e não gestão de riscos em relação aos preços de commodities.

**BI - Poderia exemplificar?**

**Dejneka** - Em maio do ano passado, muitos produtores de milho aí no Paraná se considerariam “sortudos” se pudessem vender a safrinha acima de R\$15,00. Alguns ainda

teriam lucros com estes preços, mas outros, prejuízo. Aí veio a seca nos EUA e os preços ficaram acima de R\$25,00. Mas em vez de tirar proveito deste “presente da natureza”, muitos esperavam que os preços atingissem R\$30,00 (por pura especulação) para vender. A história é clara em situações como esta: geralmente, quem faz isso e fica esperando os R\$30,00 (ou qualquer outro nível “imaginário”) é a pessoa que poderia até ter vendido por R\$28,00 ou R\$29,00, mas não quis. Aí vai vender no pânico quando o preço volta a R\$20,00, logo antes de ele voltar a subir a R\$25,00... A história é triste mas é real, e não é só aí no Brasil que ela acontece. Acontece ao redor do mundo, pois faz parte do comportamento humano.



É claro que existem medidas políticas que podem ser tomadas para auxiliar um pouco com os custos (redução de impostos etc.), mas não só isto... O crescimento acelerado traz os efeitos sobre oferta x demanda, e consequentemente, alta de preços bem mais acelerada.

**A Falha da infraestrutura brasileira é perigosíssima para a competitividade dos produtos nacionais no exterior.. Este é o protagonista! O alto custo de insumos e outros fatores contribuem com certeza, mas não seriam responsáveis.**

traz os efeitos que descrevi acima sobre oferta x demanda, e consequentemente, alta de preços bem mais acelerada aí do que aqui.

**BI - A perda de competitividade ainda não aconteceu. Qual a explicação?**

**Dejneka** - A falha da infraestrutura brasileira é perigosíssima para a competitividade dos produtos nacionais no exterior... Este é o protagonista! O alto custo de insumos e outros fatores contribuem com certeza, mas são fatores que, por si só, não seriam responsáveis por “tirar a competitividade” do Brasil no mercado exterior (é claro, sem que haja excessos e abusos). Espero que os problemas que estamos enfrentando aí este ano acorde o país para uma reforma intensa e urgente na infraestrutura, que é tão relevante para o agronegócio local.

## **BI – Como lidar, então, com essas variantes?**

**Dejneka** - É sempre muito importante ter um processo, uma disciplina e o acompanhamento de um consultor que ajude a separar a emoção da razão na gestão de riscos. Eu lembro que estava aí em agosto de 2012, quando recomendei a venda imediata de boa parte da produção de milho, ainda enquanto preços estavam acima dos R\$25,00. Não porque eu sabia que ali seria o pico de preços do ano, mas porque sabia que as margens estavam excelentes, e que a alta de preços entre junho e agosto havia sido fortíssima e inesperada. É nessas horas que vale à pena colocar a razão na frente da emoção e travar lucros para boa parte da produção. Espero que uma boa parte das quase 2 mil pessoas que assistiram as palestras tenham tirado proveito daquela dica.

## **BI - Quais as medidas que precisam ser tomadas no Brasil para frear essa escalada de custos?**

**Dejneka** - É claro que existem medidas políticas que podem ser tomadas para auxiliar um pouco com os custos (redução de impostos, melhoria considerável na infraestrutura etc.), mas não só isto... Como não são os impostos os maiores “culpados” pelos altos preços; contribuem sim, com certeza, mas não são o motivo principal. Repete-se aqui, o tema explorado nas primeiras duas perguntas para ajudar a explicar o fenômeno de aumento acelerado de custos. O crescimento acelerado traz os efeitos que descrevi acima sobre oferta x demanda, e conseqüentemente, alta de preços bem mais acelerada aí do que aqui. Ou seja, é uma combinação de fatores – entre eles, a lei natural de oferta x demanda, assim como infraestrutura falha e outros fatores econômico-políticos que



O produtor brasileiro é extremamente capaz da porteira para dentro. É o melhor produtor do mundo, mas é da porteira para fora que ainda precisamos melhorar. Praticar a gestão de riscos é importantíssimo para o produtor.

contribuem para esta alta. Mas reitero, a lei de oferta x demanda continuará sendo o maior protagonista nesta escalada de preços.

## **BI – Sem bola de cristal, o que vem pela frente?**

**Dejneka** - Enquanto o Brasil estiver expandido agressivamente sua área de produção, preços de insumos devem continuar relativamente altos. Daqui a alguns anos, quando o Brasil chegar próximo a sua capacidade de expansão de área e o crescimento de área de um ano para outro não seja tão grande, a aceleração de preços também vai diminuir.

## **BI - E, por parte do produtor brasileiro, há algumas medidas que ele pode tomar da porteira para dentro para reduzir custos? Quais?**

**Dejneka** - O produtor brasileiro é ex-

tremamente capaz da porteira para dentro. É o melhor produtor do mundo, mas é da porteira para fora que ainda precisamos melhorar. Praticar a gestão de riscos, com acompanhamento profissional é importantíssimo para o produtor. A grande maioria ainda não adota este comportamento, mas isto está mudando. A conscientização deste fenômeno está sendo cada vez maior. O produtor pode controlar sua margem de produção, mas não diretamente o preço de insumos. Acredito que com uma melhor gestão de riscos, a sua margem de produção tende a ficar melhor.

## **BI - Como o produtor norte-americano se protege do aumento de custos produtivos?**

**Dejneka** - São países diferentes, com dinâmicas, políticas e momentos econômicos bem diferentes. Não é uma comparação justa ou correta. Apenas posso dizer que, pelo fato da gestão de risco junto a preços de commodities ser uma prática de mercado com mais tempo, o produtor norte-americano tem utilizado mais essas dinâmicas, que os ajudam em parte a proteger suas margens. A alta de preços aqui não é tão acelerada devido ao fato do país não ter um crescimento de área de produção (demanda por insumos) tão acelerado quanto o do Brasil.



## Projeto de pulverização aérea arquivado

Relatório do deputado Hermas Brandão Júnior, na Comissão de Constituição e Justiça da Assembleia Legislativa do Paraná, presidida pelo deputado Nelson Justus, recomendou a não aprovação do projeto de lei do deputado Luiz Eduardo Cheida, que proíbe a pulverização aérea com qualquer produto agrotóxico para qualquer finalidade. Em consequência da aprovação do

relatório o projeto de lei foi arquivado.

Em seu relatório, além de argumentar que a matéria é tratada em lei federal, que não cerceia o uso de pulverização por aviões em lavouras, o deputado Hermas Brandão Filho baseou-se em informação técnica da Secretaria da Agricultura de que a pulverização aérea, ao contrário do que afirma o deputado Luiz Eduardo Cheida, reduz a quantidade de agrotóxico por unidade de área, portanto mais segura que a aplicação em terra.

## Certificação estadual para maçã



Nesta safra, os produtores de maçã do Paraná poderão fazer pela internet a Permissão de Trânsito de Vegetais (PTV), para acelerar o processo de certificação de origem. Esta é uma das metas da Agência de Defesa Agropecuária (Adapar), órgão fiscalizador da Secretaria da Agricultura do Paraná e

emissor do documento. Assim, haverá garantias de que a maçã paranaense está livre de pragas e doenças, podendo ser comercializada em outros estados.

A medida atende os produtores de maçã de Palmas, que solicitaram medidas de apoio à produção e comercialização da fruta no Paraná. O estado deve colher este ano um volume estimado em 45 mil toneladas de maçã e a tendência é de aumento na formação de pomares e de produção, com o apoio que o setor vem recebendo do governo estadual.

## Livro aborda manejo da soja

Preocupada em disponibilizar informações técnicas para que o manejo de pragas da soja seja feito de maneira mais sustentável, a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), está lançando no seu aniversário de 40 anos, o livro “Soja: Manejo Integrado de Insetos e outros Artrópodes-Praga”.

A obra, um compêndio de 860 páginas, reúne os mais recentes avanços no controle de insetos-pragas da soja e retoma a discussão de conhecimentos e práticas integradas e sustentáveis para o manejo dos principais insetos e outros artrópodes-praga da soja. Em 12 capítulos aprofunda temas relevantes, como o histórico do programa MIP-Soja, a bioecologia das principais pragas e inimigos naturais e o seu monitoramento.

### Serviço

**Livro:** Manejo Integrado de Insetos e outros Artrópodes-Praga

**Editores:** Clara Beatriz Hoffmann-Campo, Beatriz Splading Correa-Ferreira e Flávio Moscardi (in memoriam)

**Onde Comprar:** Livraria Embrapa - [web.sct.embrapa.br](http://web.sct.embrapa.br)

**Valor:** R\$ 80,00



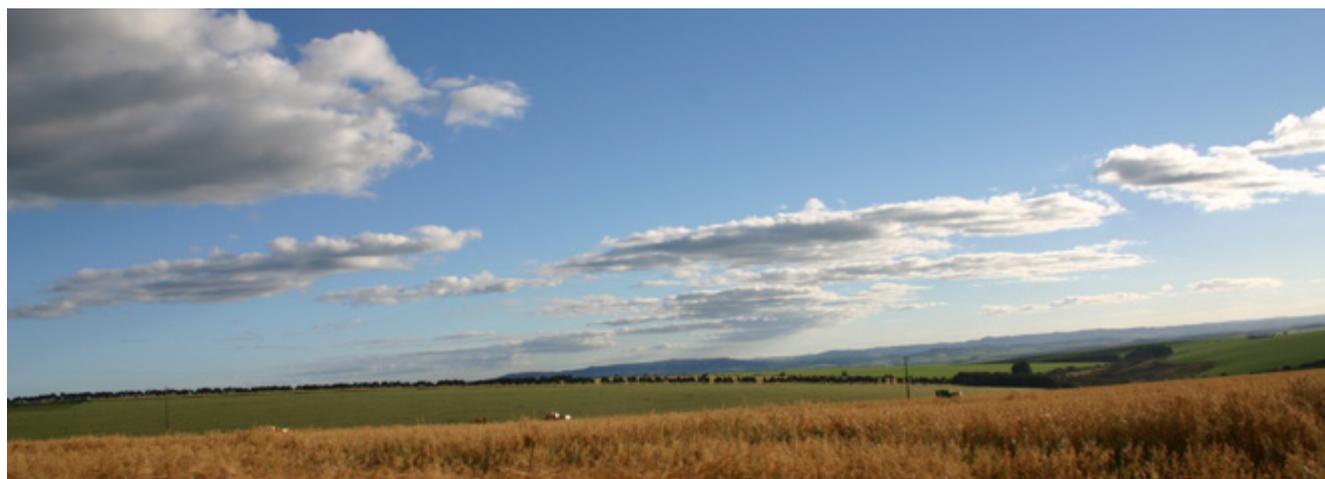
## Suínos e aves em recuperação

Após um ano de crise para o segmento de avicultura e suinocultura, marcado pelo aumento dos insumos e do custo da produção das carnes, especialistas e produtores têm bons motivos para esperar

uma recuperação do setor em 2013, com crescimento das exportações e da abertura de novos mercados. Este momento de retomada nos negócios será refletido durante o principal evento da cadeia produtiva de suínos e aves do País, a AveSui 2013, que acontece em Florianópolis (SC), de 14 a 16 de maio.

# Tempo sem variabilidade

Condições climáticas ocorridas e tendências para os próximos meses



Estiagem tem prevalecido no trimestre

As precipitações ocorridas em abril continuaram seguindo o mesmo padrão irregular dos últimos meses, com totais acumulados abaixo da média para a época do ano, em todo o Centro-Sul do Brasil. No Paraná as precipitações ficaram abaixo da média na maior parte do estado. As precipitações foram observadas na primeira quinzena de abril, sendo que, na segunda quinzena do mês, praticamente não ocorreram precipitações.

Os solos no Centro-Sul do Brasil, que começaram o mês com bons índices de umidade, terminaram o mês com deficiência hídrica, na maior parte da região. Nas Regiões Sudeste e Centro-Oeste, as chuvas também ficaram entre a média e ligeiramente abaixo do normal para a época do ano. Nas áreas produtivas de grãos da Região Nordeste, as chuvas também apresentaram uma distribuição muito irregular, com volumes abaixo da média.

As temperaturas registraram valores muito próximos à média histórica, porém com dois padrões diferentes, durante a primeira quinzena estas temperaturas ficaram abaixo da média, já na segunda quinzena os valores observados ficaram bem acima da média, acentuando os extremos em todo o Centro-Sul do Brasil. Nas demais regiões do Brasil, as temperaturas ficaram entre a média e ligeiramente acima.

O comportamento das temperaturas das águas superficiais no Oceano Pacífico Equatorial, durante o último mês,

não apresentou nenhuma mudança significativa, permanecendo com o mesmo padrão, seguindo tendência de neutralidade dos últimos meses. Em escala global, estas condições climatológicas continuam indicando uma situação de neutralidade climática (nem “El Nino” e nem “La Nina”). Observando o prognóstico dos modelos climáticos em escala global, continua a tendência desta situação de “neutralidade” para os próximos meses.

As precipitações para os próximos meses devem continuar com volumes entre a média e ligeiramente abaixo do normal, seguindo este padrão de distribuição muito irregular, intercalando períodos curtos de precipitação, com períodos maiores com pouca ou nenhuma chuva, para o Centro-sul do Brasil, devido a continuidade desta situação de neutralidade climática. Para as regiões Centro-Oeste e Sudeste, as chuvas diminuem gradativamente nos próximos meses, devendo ficar entre a média e ligeiramente abaixo. Para as áreas produtivas do Nordeste, as chuvas devem continuar com volumes abaixo da média no decorrer dos próximos meses.

Com relação às temperaturas, as massas de ar mais frias chegam com maior intensidade ao Sul do Brasil, com chance de ocorrência de formação geadas, principalmente nas áreas mais altas do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Nas demais Regiões do Brasil, as temperaturas seguem com os valores dentro da média.

Por Luiz Renato Lazinski  
Meteorologista INMET/MAPA

## CAMPINA DA LAGOA



## Geleias e doces

O Sindicato Rural de Campina da Lagoa ofereceu o curso Produção Artesanal de Alimentos - Conservação de Frutas e Hortaliças - Geleias, Doces de Corte e Doces Pastosos. A capacitação aconteceu nos dias 3 e 4 de abril, com a presença de 12 produtoras e trabalhadoras rurais. A instrutora O curso foi ministrado por Cleidimar Rocha de Oliveira.

## XAMBRÊ



## RuralPro

Utilizar o software RuralPro, auxiliando na administração da propriedade rural e, assim, obter melhores resultados na gestão de seus negócios. Esse é um dos objetivos do curso Trabalhador na Administração de Empresas Agrossilvipastoris - Software RuralPro. O treinamento foi oferecido pelo Sindicato Rural de Umuarama, na extensão de base de Xambrê, em parceria com a prefeitura. O curso teve uma duração de 24 horas e foi realizado no Telecentro Municipal de Informática, no período de 2 a 4 de abril e contou com a participação de 11 alunos. O instrutor do grupo foi Clóvis Palozi.

## PIRAÍ DO SUL



## Operação e manutenção de tratores

Empregar técnicas corretas na operação, na regulagem e na manutenção de tratores agrícolas. Esse é o conteúdo do curso Trabalhador na Operação e Manutenção de Tratores Agrícolas (tratorista agrícola) tratorista polivalente - básico (tratorista) 16h, que foi oferecido pelo Sindicato Rural de Pirai do Sul, em parceria com a prefeitura, nos dias 4 e 5 de abril. O curso foi ministrado pela instrutora Silvana de Fátima Ribeiro Olzewski, com a participação de 15 produtores.

## TAPIRA



## Pá carregadeira

Aperfeiçoar a operação e a manutenção de carregadeira sobre rodas (pá carregadeira) foi o conteúdo do curso de Operação e Manutenção de Pá Carregadeira, realizado nos dias 1 a 5 de abril no município de Tapira – extensão de base do Sindicato Rural de Umuarama. Foi uma parceria entre sindicato rural, SENAR-PR, SENAT e a prefeitura, através do secretário de Agricultura Sergio Magalhães. Participaram do curso 12 produtores e trabalhadores rurais.

## SÃO MIGUEL DO CAMBUI



### Desenvolvimento Comportamental

O Sindicato Rural de Marialva realizou o curso Desenvolvimento Comportamental no distrito de São Miguel do Cambuí. Participaram do curso 16 produtores e produtoras rurais, além de lideranças locais. A instrutora do grupo foi Franciely Fernandes Azarias.

## ABATIÁ



### Conservas e molhos

Desenvolver produtos baseados nos métodos de conservação de alimentos, aplicando técnicas e boas práticas de higiene. Esse é o objetivo do curso Produção Artesanal de Alimentos - conservação de frutas e hortaliças - conservas molhos e temperos. Seu conteúdo foi oferecido pelo Sindicato Rural de Abatiá e a atividade teve a participação de 14 produtores e produtoras rurais. Maria Luzinete Pina Zanin foi a instrutora.

## JANDAIA DO SUL



### Panificação

Desenvolver produtos panificáveis aplicando técnicas de produção e boas práticas de higiene. Esse foi o foco do curso Produção Artesanal de Alimentos – Panificação, oferecido pelo Sindicato Rural de Jandaia do Sul na extensão de base em Bom Sucesso. O curso foi realizado nos dias 15 e 16 de abril com a instrutora Geni Rossato Bach, sendo realizado em parceria com sindicato e a prefeitura de Bom Sucesso.

## UBIRATÃ



### Agricultura de Precisão

Aconteceu no distrito de Yolanda, município de Ubitã, entre os dias 10 e 12 de abril, o curso Trabalhador na Agricultura de Precisão - introdução à agricultura de precisão. As aulas teóricas aconteceram na sala de catequese da comunidade e as práticas na propriedade de Marcio Soares e Maurinho Rossetto. Participou do curso um grupo de 11 produtores e trabalhadores rurais com o instrutor Sinaldo Alves.

# Areia movediça

Existem areias movediças e esse tipo de terreno até pode prender um animal... Mas uma pessoa ser engolida, só no cinema. Além de ser difícil achar um atoleiro muito profundo, a pessoa que enfiar os pés nele ainda terá os braços livres, bastando se apoiar em áreas próximas com um solo mais firme para sair. As principais vítimas são os animais, que atolam as quatro patas e não têm como fugir. Mesmo assim, o perigo não é o bicho ser engolido, mas morrer de fome se não for resgatado.



# Longa Vida

O leite longa vida é conhecido como “leite UHT” - a sigla significa ultra “high temperature” (“temperatura ultra-alta”, em inglês). O nome se justifica: para eliminar bactérias e ter longa vida, o leite escorre por chapas de metal superaquecidas, alcançando 145 °C durante dois segundos.



# Exóticas

Você provavelmente nunca ouviu falar nas banana-de-macaco, no marôlo, araticum-cagão, taperebá, cariota-de-espinho, pau-alazão, marajá e fruta-de-ema. Pois são algumas das frutas exóticas consideradas naturais do Brasil, ao contrário da laranja e banana, por exemplo. O oiti-da-baía, umas das favoritas do imperador D. Pedro II, hoje não existe mais.



# Capsaicinóides

As pimentas ardem porque possuem as chamadas capsaicinóides. Essas substâncias de nome esquisito não têm cheiro nem sabor, mas estimulam as células nervosas da boca, produzindo aquela sensação de ardor, como se a boca estivesse pegando fogo. A malagueta está entre as cinco primeiras mais ardidas que se tem conhecimento

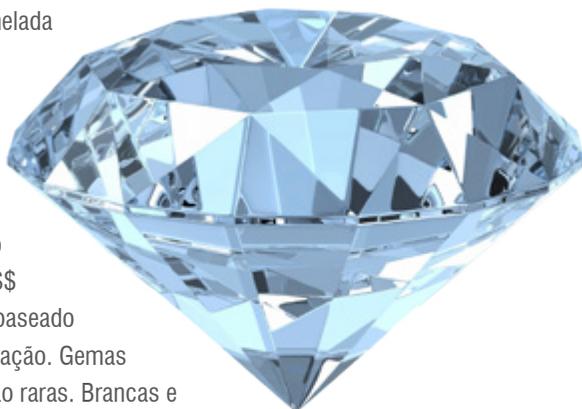
# A última fronteira

A Ilha de Páscoa, com 24 quilômetros de comprimento por 12 quilômetros de largura, é a última fronteira da América do Sul, a 3.500 quilômetros da costa chilena. Repleta de mistérios, possui gigantescas estátuas de pedra vulcânica, de 1 a 10 metros de altura e com até 80 toneladas. São praticamente o último legado de um povo cuja escrita e cultura praticamente desapareceram. Ainda discute-se como foram construídas e qual sua função.



# Raridade

Nas minas de diamantes, cada tonelada de terra extraída rende 1 quilate de diamantes (0,2 g). Um caminhão carregado rende até 20 diamantes de 1 g. Pedras usadas em joias valem, em média, US\$ 1 mil/quilate. Para uso industrial, paga-se em torno de US\$ 10/quilate. O valor do diamante é baseado em cor, claridade, tamanho e lapidação. Gemas azuis, laranja, vermelhas e rosa são raras. Brancas e amareladas são mais comuns (98% do total).



## Boa e má

A mulher telefona para o marido:

- Querido, tenho uma notícia boa e uma má!
- Lamento, mas estou no meio de uma reunião supertensa, me diz só a boa!
- O airbag do seu carro está funcionando direitinho!

## Mau condutor

Porque o Sol aquece muito pouco o ar? Um grande percentual do calor emitido é absorvido pela parte sólida da Terra antes de ser repassado para a atmosfera. Como o ar é um mau condutor de calor, a temperatura vai caindo conforme nos afastamos do nível do mar - em média, fica 6,4 °C mais frio a cada mil metros de subida.

## Mineirim

Mineirim, miúdinho, todo tímido embarca no ônibus para BH. Seu colega de poltrona, um negão – (ops!) um afrodescendente de 1,90 m de altura – com cara de poucos amigos. O negão, (ops!) o afrodescendente no maior ronco e o mineirim todo enjoado com as curvas da estrada, e as biritas e linguças fazendo efeito.

A certa altura mineirim não aguenta e vomita todo o jantar no peito do negão... Mineirim no maior desespero e o negão ainda roncando.

Chegando em Betim, o negão acorda, passa a mão no peito todo melecado. Olha indignado e confuso pro mineirim, que imediatamente bate a mão no seu ombro e pergunta:

- Cê tá mior? Cê miorô?!?

## Por que as nuvens são brancas?

Elas contêm uma grande quantidade de gotículas e pequenos cristais de gelo, que agem como pequenos prismas, decompondo a luz solar nas sete cores do arco-íris: vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, anil e violeta. “Assim, para quem olha a nuvem, o resultado final é a soma de todas essas cores: o branco.”



## Segredo de valor

O nome Coca-Cola é hoje o mais valorizado do planeta, estimado em 70 bilhões de dólares. A sua fórmula, com a mistura secreta, continua guardada num cofre de banco em Atlanta, nos Estados Unidos, sede da companhia. No dia 18 de abril de 1942 foi inaugurada a primeira fábrica da Coca-Cola no Brasil, localizada no bairro de São Cristóvão, no estado do Rio de Janeiro.

# ‘Você tem experiência’?

## E um dos candidatos respondeu:

“Já fiz cosquinha na minha irmã pra ela parar de chorar.  
Já fiz bola de chiclete e melequei todo o rosto,  
Já quis ser astronauta, violonista, mágico, caçador e trapezista.  
Já me escondi atrás da cortina e esqueci os pés pra fora.  
Já passei trote por telefone.  
Já roubei beijo.  
Já peguei atalho errado e continuo andando pelo desconhecido.  
Já raspei o fundo da panela de arroz carreteiro,  
Já me cortei fazendo a barba apressado, já chorei ouvindo música no ônibus.  
Já tentei esquecer algumas pessoas, mas descobri que essas são as mais difíceis de se esquecer.

Já subi em árvore pra roubar fruta. Já caí da escada de bunda.  
Já fiz juras eternas,  
Já escrevi no muro da escola,  
Já chorei sentado no chão do banheiro  
Já fugi de casa pra sempre, e voltei no outro instante.  
Já corri pra não deixar alguém chorando.  
Já fiquei sozinho no meio de mil pessoas sentindo falta de uma.  
Já vi pôr-do-sol cor-de-rosa e alaranjado,  
Já bebi uísque até sentir dormente os meus lábios,  
Já olhei a cidade de cima e mesmo assim não encontrei meu lugar.

Já senti medo do escuro, já tremi de nervoso,  
Já quase morri de amor, mas renasci novamente pra ver o sorriso de alguém especial.  
Já gritei de felicidade,  
Já roubei rosas num enorme jardim.  
Já me apaixonei e achei que era para sempre, mas sempre era um ‘para sempre’ pela metade.  
Já deitei na grama de madrugada e vi a Lua virar Sol.  
Já chorei por ver amigos partindo, mas descobri que logo chegam novos, e a vida é mesmo um ir e vir sem razão.

Foram tantas coisas feitas, momentos fotografados pelas lentes da emoção, guardados num baú, chamado coração.

E agora um formulário me interroga, me encosta na parede e grita: ‘Qual sua experiência?’.

Essa pergunta ecoa no meu cérebro: experiência, experiência... Será que ser ‘plantador de sorrisos’ é uma boa experiência? Sonhos! Talvez eles não saibam ainda colher sonhos! Agora gostaria de indagar uma pequena coisa para quem formulou esta pergunta: Experiência? Quem a tem, se a todo o momento tudo se renova?”

Ele foi aprovado e com certeza será sempre lembrado por sua criatividade, sua poesia, e acima de tudo por sua alma.



### Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do Estado do Paraná  
Av. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar  
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

### EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS



- |   |  |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Mudou-se                                 | <input type="checkbox"/> Falecido      |
| <input type="checkbox"/> Desconhecido                             | <input type="checkbox"/> Ausente       |
| <input type="checkbox"/> Recusado                                 | <input type="checkbox"/> Não procurado |
| <input type="checkbox"/> Endereço insuficiente                    |  |
| <input type="checkbox"/> Não existe o nº indicado                 |  |
| <input type="checkbox"/> Informação dada pelo porteiro ou síndico |  |

### REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_  
Em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Responsável \_\_\_\_\_

SISTEMA FAEP



A versão digital deste informativo está disponível no site:

[sistemafaep.org.br](http://sistemafaep.org.br)